

# “EL CARÁCTER TÉTRICO DE LA HISTORIA”

## “Meditações” sobre a Guerra Civil Espanhola na obra de Juan Benet

Gunnar Nilsson

### RESUMO

O autor do ensaio analisa o papel exercido pela Guerra Civil Espanhola nos romances e contos de Juan Benet. Considera-se a guerra um dos temas mais importantes na obra literária de Benet. Partindo de um comentário da estética antirrealista do escritor, o autor mostra os procedimentos irônicos que desconstroem a própria representação mimética dos textos. O objetivo – segundo o autor do artigo – é a criação de um discurso alternativo, no qual os enigmas da guerra não são solucionados senão evocados e conservados em sua condição original e tétrica.

### PALAVRAS-CHAVE

Estética antirrealista, Guerra Civil Espanhola, ironia

No panorama da literatura espanhola da “Transición”<sup>1</sup> a obra e a posição de Juan Benet é um caso especial. Estamos falando daqueles últimos anos do regime de Franco, anos de grandes transformações no mundo intelectual espanhol, quando a vanguarda da “república das letras” espanhola se encontrava numa fase de reorientação e modernização com repeito a posicionamentos estéticos relacionados a propostas e correntes internacionais.

Juan Benet é um caso excepcional por várias razões: Por idade Benet pertencia à geração dos 50, a geração de romancistas como Sánchez Ferlosio (*El Jarama*), Juan Goytisolo (*Juegos de Manos*), de Ignacio Aldecoa (*El fulgor y la sangre*) e Jesús Fernández Santos (*Los Bravos*), na sua maioria nascidos na época anterior à guerra civil, mas crescidos nos anos mais obscuros do franquismo. Essa geração não tinha participado na confrontação bélica, mas tinha sofrido as graves consequências: a divisão irreconciliável entre as duas Espanhas, a miséria dos anos da “autarquia”, a pobreza intelectual causada pela fuga dos cérebros mais destacados, o isolamento do país no contexto internacional e – como origem de tudo – o regime autoritário e retrógrado, irremediavelmente convencido de uma jactanciosa “missão” nacional. É compreensível que o pensamento desses intelectuais jovens circulava ao redor das sobressalentes injustiças daquela realidade. O “compromisso social” tornou-se a convicção unificadora desse grupo que no momento de se emancipar da cultura oficialista do Estado sofreu cada vez mais a

---

<sup>1</sup> Queremos entender como “Transición” não só a transição política após a morte de Franco, senão todo processo de profunda transformação social ocorrida na Espanha naqueles anos decisivos entre 1960 e 1982.

repressão e a censura. O que serviu como padrão estético para os romancistas (e poetas) ia da estética realista à behaviorista impregnada pelas propostas neorealistas do cinema italiano.

Benet conhecia boa parte dessa geração, frequentava várias tertúlias naqueles anos e compartia com eles, sem dúvida, tanto o desprezo ao regime como a vocação artística. Mas o engenheiro de profissão não se manifestou como escritor nesses anos, apesar de ter publicado uma primeira obra – a peça de teatro *Max* (1957) – numa revista. Rechaçava, como escreveria mais tarde, a estética realista de seus contemporâneos. Ele a considerava apenas ambiciosa, estilisticamente pobre e sem repercussão política por causa da censura onipresente.

Se excetuamos outra efemeridade – uma coleção de contos<sup>2</sup> quase despercebida pela crítica – a vida de Benet como escritor “regular” começa só com *La inspiración y el estilo* (1965), que não era romance mas sim uma descrição de uma estética pessoal, baseada em leituras sagazes de clássicos de todas as épocas: do Antigo Testamento – referência permanente na obra do autor –, passando por Jorge Manrique, Garcilaso de la Vega, Marlowe, Cervantes, Racine, Lessing, Burns, Poe, Baudelaire, Mallarmé, Nietzsche, até penetrar cada vez mais no amado inimigo Flaubert. Queremos, com isso, dizer que Benet tinha publicado um compêndio de convicções estéticas já antes da publicação do primeiro romance – *Volverás a Región* (1967).

Outra surpreendente faceta é que, nos anos 1960 e 1970, Benet se torna mentor estético e intelectual de alguns escritores da nova geração – os chamados “novísimos” (Javier Marías e outros) –, apesar de que seus romances não correspondiam com as temáticas da moda. Pelo contrário: se referiam a matérias não alheias à narrativa do decênio anterior: a guerra civil, os anos do pós-guerra, etc.

A resposta se situa no fato de que Benet – mais do que qualquer outro escritor daquela época – representa a ruptura com as correntes estéticas anteriores. Não queremos dizer que as convicções benetianas se converteram em padrão estético da nova geração. Nenhum dos “novísimos” virou discípulo de Benet. Mas as propostas de Benet e suas leituras da literatura universal formavam um ponto de referência considerável naquela época.

Quais são então os aspectos centrais da estética benetiana? Primeiro, há de se constatar que a estética benetiana se constrói em oposição ao modelo realista, objetivista e científico. Nos seus brilhantes ensaios “Incertidumbre, memoria, fatalidad y temor” (1976) e “La deuda de la novela hacia el poema religioso de la antigüedad” (1978) Benet explica por quê: a partir do Século das Luzes se estabeleceram – segundo ele – os discursos objetivos das ciências naturais, dominados pelos registros da causalidade, da cronologia e da linearidade. Todo mundo sabe que as ciências exatas provocavam uma imensa evolução tecnológica, da qual tiramos proveito até nos dias de hoje. Mas a nova religião da objetividade trazia consigo também a arrogância do positivismo, a convicção equivocada de que o discurso objetivo era capaz de explicar tudo. Uma falácia, diz Benet: “El hombre de ciencia, al tratar de hacer inteligible aquella parte de la naturaleza

---

<sup>2</sup> BENET. *Nunca llegarás a nada*.

o de la sociedad que le importa, por así decirlo, se distancia de ella para envolverla con la concepción congruente con las pretendidas leyes de su pensamiento.”<sup>3</sup> Quer dizer que o procedimento objetivista é uma adaptação da realidade ao modelo criado pelo pensamento humano. É o erro absurdo e imperdoável da literatura realista que, apesar de suas limitações, procurava competir com esses discursos copiando seus registros. O verdadeiro poeta

(...) a sí mismo disciplinado en la escrutación de un objeto invisible, en la imposible averiguación de un destino desconocido y en el ejercicio de prolongación de sus sentidos hacia una sensibilidad no heredada, contempla con desdén (y como un paso atrás) el esfuerzo de la ciencia por dar una respuesta al estado actual del hombre, entendido como enigma.<sup>4</sup>

Para esse poeta,

(...) el mundo, la naturaleza, la sociedad y el hombre serán siempre enigmas y no puede por menos de observar con cierta sospecha (y bastante sonrojo) la exactitud y plenitud de una investigación que en cada instante afirma haber encontrado un conjunto de leyes que la evolución de la ciencia, en cada estadio, demuestra inexactas o incompletas.<sup>5</sup>

Em contraposição ao conceito das ciências, há – segundo Benet – uma área da realidade que as ciências não conseguem atingir. Essa área ele denomina “zonas de sombra”, zonas onde a objetividade fracassa. É o “imperio del oxymoron”<sup>6</sup> e do enigma onde rege a contradição. Só os discursos poéticos e míticos, que rompem com a ditadura da “sucesión lineal cronológica”<sup>7</sup> dos fatos, são capazes de captar esse mundo. Recorrem ao método da “estampa” que oferece “visões” ou “evocações” em vez de “explicações” e “argumentos”, como comenta a crítica Lupinacci Wescott: “The ‘argumento’ offers answers, while the ‘estampa’ only questions (...) While ‘argumento’ explains and justifies, the ‘estampa’ simply describes reality as it is.”<sup>8</sup> Como se projeta e combina então essa estética antirrealista com a temática concreta da guerra civil na obra de Benet?

## O “COSMOS” BENETIANO NO DISCURSO MIMÉTICO-REALISTA

Parece paradoxal, mas não há dúvida de que existe uma essência material e temática em todas as obras benetianas, que dão a impressão de que se trata de um universo coerente (no sentido da lógica realista), que, por um lado, transcende os limites de cada um dos romances e, por outro, parece dispor da solidez necessária para formar um sistema de

<sup>3</sup> BENET. *Incertidumbre, memoria, fatalidad y temor*, p. 45.

<sup>4</sup> BENET. *La deuda de la novela hacia el poema religioso de la antigüedad*, p. 12.

<sup>5</sup> BENET. *Incertidumbre, memoria, fatalidad y temo*, p. 45.

<sup>6</sup> BENET. *Incertidumbre, memoria, fatalidad y temor*, p. 53.

<sup>7</sup> BENET. *¿Se sentó la Duquesa a la derecha de Don Quijote?*, p. 16.

<sup>8</sup> LUPINACCI WESCOTT. *Benet's Theoretical Essays*, p. 29: “Enquanto o ‘argumento’ dá respostas, a ‘estampa’ somente oferece perguntas. Quando o ‘argumento’ explica e justifica, a ‘estampa’ limita-se a descrever as coisas achadas na realidade.” (tradução do autor)

inteligíveis referências às realidades sociais. É essa “matéria” épica que o próprio Benet relacionou com o “grand style”,<sup>9</sup> e a qual – segundo ele – transmite peso a uma obra literária de verdadeira envergadura.

Visto desde uma perspectiva estruturalista, esse fato parece paradoxal. Na sua busca da “literariedade” como elemento diferenciador da obra de arte literária,<sup>10</sup> o estruturalismo menosprezava o papel da referencialidade material. A estética de Benet – que não só pelo desprezo do realismo referencialista nutre-se de concepções muito afins ao estruturalismo<sup>11</sup> – defende o valor próprio da arte como objetivo primordial da criação literária. Mas existe no ideário benetiano uma ligação à temática da percepção humana muito mais estreita que passa pela matéria e que precisa dela para poder se ostentar.

Entendemos melhor esse conceito aparentemente avariado no meio caminho entre posições referencialistas e autorreferentes quando levamos em conta que Benet menosprezava muito menos os “fracassos gloriosos” do paradigma realista – tanto no seu amado e odiado Flaubert como no próprio Euclides da Cunha (!) – que aquela limitada visão do referencialismo que ele encontrou no costumbrismo. Mas a verdadeira “grandeza” da obra de arte nem nasce – segundo Benet – de qualquer matéria nem se reduz ao mero achamento de matérias adequadas e, por conseguinte, “grandes”. A envergadura só vem da matéria de peso em combinação com um estilo capaz de dominar a essas realidades necessariamente téticas.

É preciso mencionar essas características para poder captar melhor a estrutura e os níveis do significado referencial na obra de Benet, que está baseado em tres pilares ou núcleos temáticos que unem a maioria dos romances e contos do autor.

O núcleo temático e “material” que mais salta aos olhos é o contexto natural. *Volverás a Región* (1967), o primeiro romance de Benet, começa com uma vasta descrição desse ambiente que iria ser ampliado mais adiante (nesse romance e nos sucessivos) até formar uma visão de um cosmo, no qual o ser humano só desempenha um papel secundário. Trata-se de uma paisagem no norte montanhoso da Península Ibérica chamada laconicamente “Región”, apartada do resto do país por uma cordilheira quase invencível. Já no conto “Baalbec – una mancha” (1961) –, o narrador fictício menciona os obstáculos geográficos combinados com a falta de qualquer ligação de tráfego público que dificultam a viagem ainda nos anos do pós-guerra: “Para un hombre de mi edad, llegar a Región desde Macerta se había hecho imposible. No había ninguna línea regular ni coche de alquiler que aviniese a adentrarse por aquella carretera.”<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Lembramos que “style” na definição inglesa é o resultado de um “successful blending of form with content” (combinação bem feita de forma poética e conteúdo material), e que o conceito do “grand style” diferenciava-se desde a Antiguidade do “middle style” e o “low/plain style” (*Columbia Encyclopedia* 2003). Benet usava a noção inglesa de “grand style” porque achava que os clássicos ingleses da Idade Moderna (Milton, Shakespeare etc.) nunca se salvaram de ser forçados a “entrar en la taberna” (rebaixar-se estilisticamente para descrever os “males da pátria” no mais cotidiano e circunstancial), como aconteceu com os escritores espanhóis da época, desde os autores da “novela picaresca” até o próprio Cervantes (BENET. *La inspiración y el estilo*. 1999 – capítulo IV. “La entrada en la taberna”).

<sup>10</sup> KAISER. *Das sprachliche Kunstwerk*, 1948.

<sup>11</sup> Cf. as explicações de Sobejano a respeito em *Novela española de nuestro tiempo*.

<sup>12</sup> BENET. *Cuentos completos*, p. 72.

Región é uma terra inóspita, pobre e retrógrada, dominada pelas forças de um regime natural característico das alturas alpinas: uma geografia irregular com elevações imponentes e barrancos íngrimes, um rio serpenteado – chamado ironicamente “El Torce” – nutrido por torrentes incalculáveis e, por fim, o clima extremo: secas esturricantes no verão e nevadas imensas, acompanhadas por temperaturas árticas, num inverno que atinge a região até abril ou maio.

Em princípio, Benet – que durante muitos anos trabalhou como engenheiro hidráulico na construção de represas no norte da Espanha – deixou-se inspirar pelas vivências nas terras parcas da Cordilheira Cantábrica e, ao mesmo tempo, das descrições sugestivas de Canudos em *Os sertões*, de Euclides da Cunha.<sup>13</sup> No nosso modo de ver, a obra de Euclides trabalhou como fundo para as descrições quase científicas do ambiente “regionato”, como bem se pode ver nessa citação de *Volverás a Región*:

La Sierra de Región – 2.480 metros de altitud en el vértice del Monje (al decir de los geodestas que nunca lo escalaron) y 1.665 en sus puntos de paso, los collados de Socéanos y la Requerida – se levanta como un postrer suspiro calcáreo de los Montes Aquilanos, un gesto de despedida hacia sus amigos continentales, antes de perderse y ocultarse entre las digitaciones portuguesas.<sup>14</sup>

Nesse panorama natural, situa-se o segundo núcleo material da obra de Benet: a sociedade de Región. Embora a natureza não deixe muito espaço para o homem, este povoa a zona há séculos. A capital da região é uma cidade pequena do mesmo nome: Región. Além disso, existem várias povoações à beira do rio “Torce” e algumas aldeias isoladas nas ladeiras pouco férteis da serra.

Análogo às descrições do ambiente natural, contam e analisam-se inumeráveis detalhes históricos da evolução da região. Novamente, trata-se desse narrador quase ubíquo que se dirige ao leitor numa linguagem racional e explicativa, própria dos discursos científico-históricos. O objetivo desse discurso é óbvio: acontecimentos históricos e nexos sociais parecem se tornar cada vez mais transparentes para culminar, depois, numa imagem supostamente clara, lógica e completa do vasto universo “regionato”.

Há, para darmos só alguns exemplos, excursos históricos às épocas das Guerras Carlistas nos quais se analisam as fissões entre a Espanha liberal e a Espanha tradicional no umbral da industrialização. Essa última chega muito tarde à Región (mesmo que a toda Espanha) com as atividades mineradoras de certos empreendedores progressistas. São anos de grandes esperanças. Mas o intento fracassa, e depois de alguns anos só veem-se ruínas da mineradora na paisagem: bocas abertas e desmoronadas das velhas construções. Informa-nos o narrador-historiador: “(...) la exploración sólo se ha llevado a cabo mediante unas cuantas incursiones esporádicas, ineficaces y desastrosas.”<sup>15</sup> A causa desse destino, os habitantes de Región, paralizados de outrora por esmagantes conflitos interfamiliares, perdem todo “élan vital”. Já com anterioridade ao grande

---

<sup>13</sup> Benet fala da sua primeira leitura de *Os sertões* em seu ensaio “De Canudos a Macondo” (1969). Cf. BENET. *De Canudos a Macondo*, p. 69-80.

<sup>14</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 36.

<sup>15</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 40.

cataclismo – à guerra civil – Región é uma sociedade estagnada que padece de “débiles recursos” e “agonizantes energías”.<sup>16</sup> Nem sequer a chegada da Segunda República em 1931 é capaz de afastar essa decadência, que, com a irrupção da guerra, aprofunda-se no pós-guerra.

## A GUERRA CIVIL NO DISCURSO MIMÉTICO-REALISTA

O terceiro núcleo temático é a própria guerra civil. Primeiro, há de se constatar que a guerra na sua evolução militar não é conteúdo de todos os textos benetianos. Há romances como *Volverás a Región* (1967), *Saúl ante Samuel* (1980) e, mais do que qualquer outro, *Herrumbrozas lanzas* (1983-1986), nos quais as descrições e explicações sobre contendas ocupam boa parte do texto. Em outras – *Una meditación* (1970), *La otra casa de Mazón* (1973) e *Un viaje de invierno* (1972) – aparecem, sobretudo, como reminiscência ou causa da triste atualidade descrita.

Se tomamos como exemplo *Volverás a Región*, a trama principal desenvolve-se na época do pós-guerra: ao cabo de vários decênios desde a vitória de Franco, a filha de um comandante nacionalista, Marré Gamallo, volta para Región com o objetivo de recuperar a memória de uns sentimentos existenciais vivenciados nos anos da guerra. Visita o doutor Sebastián, que está passando a sua velhice desiludido e amargurado em companhia de um cliente enlouquecido já durante a guerra. Além do narrador “realista” que se propõe a reconstruir os sucessos no fundo (o espaço natural e social), o romance se apresenta ao leitor em forma de diálogo desses dois protagonistas. Em largos monólogos procuram esclarecer a si mesmos o “porquê” de sua miséria emocional no presente e mergulham cada vez mais nos dolorosos acontecimentos passados.

Semelhante condicionamento da atualidade pelas experiências da guerra é o fio condutor da trama em *Un viaje de invierno*, em que o outrora combatente nacionalista, Arturo Brémond, é perseguido por suas vivências passadas, ou em *Saúl ante Samuel*, cuja cena inicial consiste no imaginado reencontro da personagem Simón com um familiar desejado, desaparecido nos anos da guerra.

Não só por isso não abtemo-nos de defender a tese de que só pelo conjunto dos romances e contos benetianos nós podemos nos aproximar do que poderia ser um “panorama completo” da guerra em Región.<sup>17</sup> O próprio narrador “realista” e analista, comentador dos acontecimentos militares em Región, cria a impressão de que o panorama vai ser completado mais tarde no livro, ou pelo menos em outro romance.<sup>18</sup> Não há dúvida de que seu discurso é fragmentado, interrompido por outros discursos, e

---

<sup>16</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 28.

<sup>17</sup> Para corroborar a tese basta lembrar que quase todos os protagonistas das obras que se centram em sucessos posteriores à guerra aparecem como personagens secundárias nas novelas preponderantemente “guerreiras”.

<sup>18</sup> Segundo as nossas informações, a publicação do romance *Herrumbrozas lanzas* foi muito esperada pelos leitores “viciados” de Benet, porque se supunha que lá se explicariam os enigmas ainda não solucionados com respeito a certos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola em Región.

caracterizado por inumeráveis “linhas em branco”. Mas exatamente essa anacronia<sup>19</sup> é que produz a expectativa pela possibilidade de uma recomposição completa do acontecido no final da leitura.

Então, como são as pinceladas gerais desse panorama? Quer dizer: Como começa a Guerra Civil Espanhola em Región e como é o seu decurso? Escreve o mencionado narrador-analista em *Herrumbrozas lanzas*:

(...) la guerra en una comarca apartada y atrasada viene siempre de fuera, es un regalo más del gobierno y la capital, una irrupción de lo moderno en el reino de la anacronía; sin que nada nuevo haya ocurrido dentro de sus límites de repente la comarca, una mañana de julio, se encuentra en guerra; la palabra es demasiado gruesa para que se pueda restar su importancia aun cuando no haya recuerdo de la anterior (...); nadie sabe qué se debe hacer en tal caso ni cómo se presentará, (...) ¿cómo toma cuerpo? (...)

La guerra en Región comenzó con la voz de la radio; luego dos camionetas, atiborradas de hombres (y alguna mujer) que agitaban banderas rojas, salieron del barrio de las Ollas; al mediodía se habían sumado en la plaza de la Colegiata unas cuantas más (...).

El comienzo de la guerra fue la salida de los guardias del cuartelillo, hermanados de grado o por fuerza con el pueblo para recorrer de nuevo las calles, con los tricornos ladeados y cogidos por los brazos, sus miradas frontales animadas de la gélida y alelada alegría de quien acaba de transponer de vuelta el umbral de la muerte; (...)<sup>20</sup>

Como a cidade de Región não é de mínima importância estratégica, ela não dispõe duma guarnição do exército. Por conseguinte, não há militares que se pudessem sublevar contra a ordem do Estado democrático. Na hora do levante nacionalista de 1936 existem tantos simpatizantes “nacionais” como “republicanos” em Región. As rupturas se abrem até nas famílias, como é documentado no romance *Saúl ante Samuel*, no qual a adesão de dois irmãos aos lados opostos conduz ao fratricídio. Mas o povo toma a bandeira da legalidade. Assim, se formam grupos de milicianos pouco aguerridos e insuficientemente coordenados pelo chamado “Comité de Defensa” que se opõem à ameaça que chegará de fora.

O inverso ocorre na vizinha província de Macerta, separada de Región pela “Sierra de Región” e exclusivamente comunicada com ela pelos desfiladeiros de Socéanos e Requerida. A cidade de Macerta sempre atuava como irmã concorrente de Región e subleva-se, agora, como se fosse por lei natural, contra o governo legal da República. O Regimento de Engenheiros lá estacionado assassina os oficiais leais à República e ocupa as posições mais importantes em Socéanos. Quer dizer que na “Sierra de Región” forma-se uma situação comparável com aquela das primeiras semanas na Espanha em geral: o desmoronamento do mapa nacional em pedaços territoriais aderidos a um dos dois lados irreconciliavelmente opostos e a obsessão do lado nacionalista de exterminar o outro, seja qual for o método apto para consegui-lo.

É a frialdade estilística e a aparente falta de emoção do narrador-observador que converte esses trechos nas descrições mais impressionantes da guerra civil na obra de

---

<sup>19</sup> Distinguímos a anacronia narrativa – um discurso narrativo fragmentado e desordenado que permite a recomposição dos acontecimentos narrados na ordem lógica e cronológica após a leitura de uma obra literária – da acronia narrativa que conserva lacunas até o final.

<sup>20</sup> BENET. *Herrumbrozas lanzas* I, p. 74.

Benet. O primeiro ato da tragédia castiga alguns camponeses inocentes da aldeia de El Salvador. Um grupo de falangistas de Macerta invade a aldeola e – interpretando a ingenuidade de seus habitantes como indício de adesão ao outro lado – massacram os supostos dirigentes “comunistas” desse insignificante povoado. O narrador mimético-realista conta esses acontecimentos de uma maneira completamente transparente, limitando-se apenas à reprodução de observações sem qualquer análise psicológica ou interpretação.

O cenário começa com humorismo. Antes de ocupar a aldeia os falangistas espiam a situação de longe:

Los falangistas llegaron a la vista de El Salvador a última hora de la tarde, pero no se decidieron a entrar en él hasta cercionarse de que no estaba ocupado por las milicias del pueblo. El jefe y tres hombres (...) escalaron un pequeño risco para inspeccionar y vigilar el pueblo desde aquel punto (...) “Me parece que allí veo un centinela”, dijo el jefe (...) “No veo nada”, dijo el matón.

E depois ocorre uma discussão entre os dois:

“Tú, ven acá” – ordenó el jefe a uno de los jóvenes –, “¿qué ves allá?”, le preguntó, al tiempo que le cedía los prismáticos. El chico se aplicó los prismáticos a los ojos, con mucha fuerza, para despojarse de ellos en seguida y observarlos con extrañeza. “¿Qué te pasa?”, preguntó. “Yo no veo nada, jefe.” “¿Es que no sabes mirar? Gradúalo con esto.” El voluntario lo hizo así, pero tardó un rato en ajustar el foco. Al fin dijo: “Ahora sí que se ve; vaya que si se ve; sucio pero se ve, se ve muy bien.” “¿Qué ves? ¿No ves allí un hombre de guardia? ¿No ves que se mueve con el fusil al hombro?” “Aquello es una cuerva, jefe”, repuso el joven. “¿Una cuerva? ¿Qué coño es una cuerva?” “Aquello es una cuerva, jefe”, es todo lo que supo decir. El jefe se impacientó: “Pero ¿qué coño una cuerva?” “Una cuerva para los pájaros, para que no se coman la fruta, jefe.” “¿Qué dices? Trae. Y te he dicho que no me llames jefe; que me llames camarada.” “Aquello es una cuerva, camarada”, repuso el voluntario. “Ya te dije que no se movía, Amadeo”, dijo con suficiencia el matón. Cuando el jefe se dispuso, una vez más, a observarlo, un roce a sus espaldas y una voz ronca – “eeno” – les hizo volverse a los cuatro para contemplar el paso de un burro cargado de fajina y un paisano con una vara que caminaba detrás y apenas les miró.<sup>21</sup>

Mas a ridicularização do comportamento dos falangistas desmascara tanto a fanfarrice do discurso nacionalista como a covardia e a sua incompetência se torna amarga quando o leitor aproxima-se das últimas linhas do trecho:

Cuando al fin emprendieron su regreso hacia el puerto, con los dos rehenes por delante, estaba bien entrado el día (...). En una revuelta de la senda del puerto, no lejos del caserío donde la vieja les había indicado el camino de El Salvador y en lugar muy apartado de la carretera, fusilaron a los dos rehenes. (...) Hasta el último instante no supieron o no comprendieron que iban a ser fusilados. No sabían lo que era eso. Todavía no habían dado salida a su asombro de la noche anterior, cuando fueron aprehendidos en sus casas. Quizás se habían acostumbrado a sus ataduras y solo esperaban, en cada revuelta de la senda, el gesto de liberación y despedida. No hablaron entre si. Los ataron a dos troncos, muy semejantes. Apenas se miraron. Entonces, sin duda, al verse abandonados de aquella manera el estupor sucedió al asombro; pero no protestaron, como esos perros incapaces de comprender la ley que les impide acompañar a sus amos al interior del establecimiento,

---

<sup>21</sup> BENET. *Herrumbrozas lanzas I*, p. 95-96.



pero demasiado bien amaestrados como para manifestar su desolación en la acera, sino que esperaban pacientemente su vuelta al cabo de unos pocos pasos. La vuelta fue una descarga cerrada, a seis metros de distancia, sobre el presunto alcalde que cayó de rodillas, con la barbilla hincada en el pecho. El otro apenas tuvo tiempo de volver su mirada sobre sus asesinos, absorto en la muerte de su compañero y pariente; la descarga le cogió de lado (...).<sup>22</sup>

A ironia, em princípio humorístico-desmascaradora e logo trágico-amarga, não é uma ironia discursiva, mas resulta das contradições crueis da situação. Ou seja, trata-se de uma ironia que se encontra na matéria. É um elemento típico dum discurso realista que deixa “falar” a realidade e que, nesse caso, não se esconde da referência à realidade histórica: a Guerra Civil Espanhola em geral. Despoja-se a guerra de todo heroísmo e constata-se a falta de sentido de suas justificativas. Melhor dizendo: Qual será o sentido de uma matança de alguns camponeses inocentes? E se fossem milicianos republicanos: Que proveito (estratégico, tático, político, etc.) tiram os falangistas ao matá-los? Estamos vendo que o discurso realista de Benet nesses momentos está muito perto do discurso de Euclides da Cunha, que – partindo da lógica positivista do século 19 – procura esclarecer o “porquê” das atrocidades da guerra no sertão (tanto do lado do Conselheiro como do Estado supostamente progressista e moderno). Em comparação a isso, a falta de lógica, no caso da Guerra Civil Espanhola, mostra que se trata de uma guerra que vai muito mais além do que seria a mera luta pelo poder ou pelas ideias. É o ódio inexplicável, o desejo de extermínio numa guerra na qual nem os envolvidos serão capazes de definir a sua meta. Deriva daí o primeiro enigma do qual falaremos mais adiante.

Mas voltemos à trama: o próximo passo será o combate na serra entre Región e Macerta. As milícias republicanas atacam as posições do inimigo em Socéanos e fracassam por falta de experiência e coordenação. Esses trechos dão lugar às descrições de crueldades que se encontrarão variadas em outros trechos até o fim da guerra, até aquela última “campanha de aniquilación” exercida pelas forças nacionais contra os restos de resistência republicana:

[El] objetivo inmediato [de la última campaña] era la conquista de El Puente de Doña Cautiva y su última finalidad la eliminación de todas las fuerzas enemigas en la orilla derecha del río al objeto de agrupar y constituir un reducido núcleo de resistencia, aguas arriba de aquel punto, que lograrse contemporizar hasta la llegada de una paz honorable. Pero era una idea que el vencedor no estaba dispuesto a compartir.<sup>23</sup>

No entanto – depois da batalha inicial e perdida no desfiladeiro de Socéanos –, tem vez o contra-ataque das forças nacionais: largas incursões no território “regionato”, durante as quais os republicanos só conseguem se defender graças à coragem de alguns comandantes cada vez mais ágeis na prática guerreira. As nevadas do inverno de 1936/37 põem fim às contendas, que só serão retomadas no segundo ano da guerra sem resultado para nenhum dos lados.

Além dos combates se expõe um panorama extraordinariamente rico ao leitor no que diz respeito à vida social atrás da frente na zona republicana: A formação de uma

<sup>22</sup> BENET. *Herrumbrozas lanzas I*, p. 101-102.

<sup>23</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 286.

“checa” ao estilo russo por militantes da esquerda, a chegada de milicianos asturianos e representantes do governo de Madri que procuram coordenar as atividades do “Comité de Defensa”, os conflitos pessoais e estratégicos entre os dirigentes do grupo republicano, os casos de jogos duplos de certas personagens entre os dois lados, etc.

Mas, abstraindo-se de todo fragmentarismo dessa narração realista e suas numerosas interrupções, há de se constatar que a partir do mesmo discurso mimético eleva-se frequentemente essa enigmática visão trágico-irônica já mencionada que transcende o mero discurso realista. O mecanismo da ironia funciona igual como no caso da cena de El Salvador. Passa da matiz humorístico-cotidiana à trágico-nefasta. No primeiro tomo de *Herrumbrosas lanzas*, por exemplo, descrevem-se as sessões do “Comité de Defensa” como se fossem tertúlias com café e biscoito. A personagem que atua como garçom nesses encontros (a sua profissão é pura contradição nessa situação de fervorosa revolução proletária) é um porteiro anarquista obcecado com a destruição radical da sociedade burguesa. Diz-se sobre ele:

(...) en cuanto había servido a cada miembro [del Comité] su taza de café, repartido las cucharillas y pequeñas servilletas y distribuido el azúcar, trataba de colocar sus planes para, empezando por el Colegio de los Escolapios, incendiar el barrio viejo para luego pasar a incendiar el barrio de Ollas, luego terminar de incendiar la Colegiata y, por último, incendiar el barrio bajo, y por ese orden consumar el completo incendio de Región de manera científica y en un plazo no mayor de diez días.<sup>24</sup>

Não se trata de um discurso exclusivamente antiburguês e anticlerical, nem anarquista, nem é apenas primeiro plano de uma anedota humorística cujo plano remoto são as gargalhadas dos membros do “Comité” sobre esse senhor obviamente simplório. É uma “visión escatológica”<sup>25</sup> que antecipa simbolicamente o futuro da Región republicana, representado no destino de umas cabras incineradas:

“Cuando todo Región no sea más que un montón de pavesas – decía el portero – seguiremos por la vega y pegaremos fuego a los huertos, los molinos y hasta los caballos.” “¿Y las cabras?”, preguntaría alguno, hecho a la idea de dedicar toda la sesión a aquel asunto. “Las cabras también; lo primero de todo las cabras. Pienso que deberíamos quemar las cabras incluso antes que el colegio.” “Podríamos quemarlos a la vez”, insinuó otro. El portero debió entrar en trance: “Excelente idea, muy acertado, señores; naturalmente – musió –, el colegio y las cabras al mismo tiempo ¿cómo no se me había ocurrido antes?” (...) Vio, en primer lugar, la conventual fachada del colegio envuelta en llamas y oyó cómo el rugido tempestuoso del incendio concertaba con el balido de miles de cabras arrejuntadas en la cuarta planta que, subidas unas encima de otras sin dejar de mirar hacia atrás, observaban con sus ojos amarillos el vacío a sus pies antes de optar – las más atrevidas y convertidas en tizones – por el salto mortal con el que, por una desesperada extrapolación de su confianza en su agilidad, creyeron encontrar su salvación para toparse en el pavimento con la muerte que siempre habían desafiados en riscos, mientras las cerchas metálicas de las cubiertas, retorciéndose de dolor, se abatían sobre un torbellino de chispas y una humareda negra que despedía un sofocante e insoportable tufo a lana cruda quemada (...).<sup>26</sup>

<sup>24</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 86.

<sup>25</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 87.

<sup>26</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 87-88.

É claro que nesse momento ninguém no “Comité” está pensando que essa visão se tornará realidade dentro de uns três anos. Mas o leitor já sabe que o “purificar”<sup>27</sup> quase parse será método e justificativa das tropas franquistas na hora de fazer acerto de contas com os seus inimigos.<sup>28</sup> Ainda não há ninguém que queira imaginar o desenlace. E, por fim, o sarcasmo involuntário culmina quando o porteiro compara sua visão pirotécnica com um jogo de meninos:

[A]l fuego, señores, (...) hay que dominarlo porque es menor de edad, un niño maleducado que devora lo primero que apetece para dejar el plato salpicado de bocados que no le han atraído. El primer deber del incendiario – decía el portero (...) – es saber y dominar al fuego, enseñarle a devorar todo (...).<sup>29</sup>

Assim chega o inverno de 1937/38, no qual o quartel geral das forças republicanas incita o “Comité de Defensa” de Región à ofensiva frontal na primavera de 1938. O objetivo não é tanto a conquista da cidade de Marceta como o envolvimento maior possível de forças nacionais nesse campo de batalha para alívio das frentes apertadas no resto da Espanha. E acontece a maravilha: a tropa mal equipada derrota a resistência dos nacionalistas no sul da província de Macerta, destruindo um regimento de tanques italianos, e entra na cidade de Macerta, de onde será expulsa para dar passo ao drama final somente no ano posterior. É a hora do coronel Gamallo, pai da mencionada Marré (*Volverás a Región*), que por seus conhecimentos da situação geográfica e pela dissolução moral das tropas republicanas começa a sua incursão exterminadora na zona republicana, de cuja avalanche ninguém iria escapar, como já tinham previsto antes os dois comandantes Arderíus e Mazón: “Dijo Arderíus: ‘[... La] salida, Mazón, no está sólo en la victoria.’ ‘Está en la lucha hasta el último cartucho’, repuso éste. ‘Sin duda’, contestó Arderíus, al tiempo que se ponía en pie: ‘No se puede desperdiciar ninguno.’”<sup>30</sup>

## A DECOMPOSIÇÃO IRÔNICA DO PARADIGMA REALISTA

A nossa exposição anterior do decurso da guerra civil em Región dá a impressão de que o leitor – por meio de uma leitura atenta da obra de Benet – consiga recompor completamente os pedaços fragmentados da trama, e de que todos os enigmas sejam vencidos – quer dizer: solucionados – pela análise racional do narrador realista. Sobretudo o romance *Herrumbrosas lanzas* provoca essa hipótese. Sugere que o pensamento racional seja capaz de dominar a realidade enigmática apresentada no “cosmos” bélico de Región. O editor da última edição dessa obra escreve a esse respeito:

*Herrumbrosas lanzas* constituye el más ambicioso proyecto literario al que se enfrentó Juan Benet, si atendemos a la amplitud del mismo y a lo que esa colosal crónica sobre la Guerra Civil en el paisaje mítico de Región significaba como desarrollo y cierre de algunas

<sup>27</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 87.

<sup>28</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 177-179.

<sup>29</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 87.

<sup>30</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 251.

historias, tan sólo esbozadas en anteriores novelas, y como resolución de ciertos enigmas cuyo planteamiento podrá rastrear el lector curioso a lo largo de la obra benetiana.<sup>31</sup>

Mas a verdade é que nem em *Herrumbrosas lanzas* isso acontece. Segundo o nosso parecer, o romance é uma continuação desse projeto estético já executado nas obras anteriores: um projeto que põe em dúvida e relativiza todo o pensamento racional. Há, primeiro, um discurso altamente fragmentado, tal como nas outras obras do autor. O discurso do narrador mimético-realista se interrompe frequentemente, se cortam trechos e se misturam os intentos explicativos com discursos radicalmente opostos à ideia de transparência e racionalidade. Esse fato já em si mesmo põe em questão o crédito que mereceria o discurso realista. Além disso, o discurso se contradiz. Servirá como exemplo o debate sobre a transcendência da guerra “regionata” em relação ao contexto nacional. Em *Volverás a Región* afirma o narrador: “Todo el curso de la guerra civil en la comarca de Región empieza a verse claro cuando se comprende que, en más de un aspecto, es un paradigma a escala menor y a un ritmo más lento de los sucesos peninsulares”.<sup>32</sup> O narrador de *Herrumbrosas lanzas* consente nisso quando diz que muitos acontecimentos em Región “(...) eran en provincia – y sobre todo en una región que era una provincia de la provincia – poco más que una reproducción aguada de cuanto ocurriera en Madrid, Barcelona o Valencia (...)”.<sup>33</sup> Mas, no mesmo livro, defende a seguinte teoria:

Un cierto autor ha venido a describir la guerra civil en Región como una reproducción a escala comarcal y sin caracteres propios de la tragedia española. Sin embargo, ha olvidado o desdeñado el hecho de que toda reducción, como toda ampliación, concluye, se quiera o no, en un producto distinto de la matriz, no sólo formado a veces de una sustancia diferente, sino en el que – a causa de la diversa elasticidad de sus ingredientes en el momento de ser dimensionalmente alterados, aun conservando la homotecia general entre los dos todos – ciertos componentes ejercen sobre el conjunto un influjo que es distinto según sea su dimensión.<sup>34</sup>

Enquanto, nesse caso, se poderia falar ainda duma representação de um debate tal como se projeta em círculos de historiadores, quer dizer em círculos próprios do discurso científico-racional, em outros casos a contradição não se limita a discussões tão transparentes como essa. São inúmeraveis aquelas que tocam as próprias entranhas do discurso objetivo: a exatidão e a precisão.

O leitor acostumado à leitura realista e “objetiva” sempre esperará um mínimo de informação fidedigna sobre a matéria descrita. Subentende-se que a dêixis pessoal, espacial e temporal pertence por essência a esse mínimo, quer dizer, a denominação exata e inconfundível de nomes de personagens, lugares e períodos temporais.

Nos discursos supostamente mimético-objetivos da obra de Benet não existe essa exatidão. Pelo menos topamos frequentemente com jogos enigmáticos com a dêixis. Em *Volverás a Región*, por exemplo, fala-se de um professor militante da causa republicana

<sup>31</sup> GARCÍA PÉREZ. *Prólogo*, p. 11.

<sup>32</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 75.

<sup>33</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 44-45.

<sup>34</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 139-140.

chamado “Rumbal”. Mas, no mesmo trecho, explica o narrador: “Se llamaba Rumbal o Rombal o algo así.”<sup>35</sup> Na próxima página, lemos que não “(...) se sabe si el señor Rombal o Rembal llegó a resolverlo (...)”.<sup>36</sup> Nas últimas páginas desse trecho multiplicam-se as variantes da ortografia: “Robal”, “Rumbás” e no final: “Rubal”.<sup>37</sup> A confusão não se limita a *Volverás a Región*. Até o narrador-cronista aparentemente impecável de *Herrumbrosas lanzas* afirma que “[p]ocos días después, a instancias del señor Rubal, profesor del Instituto de Enseñanza Media, y en un aula de éste, se procedió la creación del Comité de Defensa (...)”,<sup>38</sup> para continuar contraditoriamente: “El Comité de Defensa – como queda dicho – había sido creado por inspiración de Aurelio Rumbal, catedrático de Física y Química del Instituto (...)”.<sup>39</sup>

Mesma coisa acontece com outra personagem destacada do “Comité de Defensa: “Constantino Marcos” ou “Marcos Constantino”,<sup>40</sup> que no romance *Una meditación* se chamava “Constantino Martín”.<sup>41</sup> Não se trata de casualidade. Há momentos nos quais emerge a voz própria do autor do discurso brincando com a paciência do leitor no que se refere aos nomes das personagens: “Mandada [la fuerza republicana] por Eugenio Mazón (...) y conducida por Luis I. Timoner (I. de incógnito), como mejor conocedor del monte, ni siquiera aprovechó la lección para aprender la necesidad de la unión del mando.”<sup>42</sup>

Tal jogo reaparece nos retratos das mesmas personagens. No romance *En el Estado* (1977), o caráter do senhor Hervás parece tão contraditório como a descrição de sua aparência física:

En tiempos se había dicho del señor Hervás que no conocía la fatiga; pequeño de estatura, tras haber disfrutado de un cuerpo macizo en sus años de plenitud ha adelgazado de manera tan desigual que al friso de su sexta década es contradictoriamente gordo y delgado, ancho y estrecho, consumido y lozano, vestido con unas ropas que tanto le vienen holgadas como cortas, rasgos que en buena medida se corresponden con las notas más sobresalientes de su carácter.<sup>43</sup>

A explicação de tal procedimento “confuso” se dá pelo narrador do conto “De lejos”: “Era Blaer; acompañado de lo otro, ¿para qué darle un nombre? Si lo tiene ¿es que le hace falta? Su influjo es más evidente que el sonido de un nombre (...)”.<sup>44</sup> É óbvio que se trata de um procedimento só aparentemente confuso. Na verdade, o discurso mimético-realista é substituído por outro discurso. É aquele discurso da memória, do mito, da lenda e da poesia que – em oposição ao discurso objetivo – é capaz de atingir a entrada naquelas

---

<sup>35</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 29.

<sup>36</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 30.

<sup>37</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 33, 35.

<sup>38</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 83.

<sup>39</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 85.

<sup>40</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas I*, p. 39.

<sup>41</sup> BENET. *Una meditación*, p. 288.

<sup>42</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 36.

<sup>43</sup> BENET. *En el Estado*, p. 14.

<sup>44</sup> BENET. *Cuentos completos*, p. 407.

“zonas de sombra” onde o detalhe e a objetividade carecem de qualquer importância. Acresce Marré Gamallo: “Pero ¿para qué entrar en detalles? ¿Qué importan las personas, los nombres, los lugares, las fechas (...)?”<sup>45</sup> Nesses momentos, a razão de ser do discurso mimético-realista chegou ao ponto mais fraco em toda obra benetiana. Brad Epps escreve sobre a nossa citação do monólogo de Marré: “Marré ‘s question is not merely rhetorical, but allegorical, a *mise en cause* of realist aesthetic that Benet so feverently impugns in a variety of texts. At the same time, her question is inescapably ironic, (...) contributing (...) to a poetic play of obscurity.”<sup>46</sup>

Por conseguinte, estende-se esse jogo dêitico também além da dêixis pessoal. Há uma considerável incoerência da dêixis espacial e temporal como mostram as contradições inumeráveis na descrição geográfica de Región e na lógica temporal que, lamentavelmente, não podem ser comentadas aqui.

Não obstante, o narrador de tal forma ironizado não consegue cumprir seu objetivo principal: a explicação dos segredos da guerra que são, entre outros, questões como a do enigmático sucesso inicial da contenda republicana no território de Macerta, o “porquê” do fracasso das milícias em Macerta e – a questão mais importante – o segredo da guerra em si.

## O CARÁTER TÉTRICO DA HISTÓRIA

A incorporação da guerra como fenômeno social no discurso objetivo fracassa porque se trata – segundo Benet – de uma realidade ininteligível pelo pensamento e pela linguagem racional que – da sua parte – está caracterizado pela estrutura causa-consequência, cronologia e – isso é o aspecto mais importante – a subjugação da realidade a um sistema alheio a essa. Como já vimos no caso do massacre dos falangistas em El Salvador, na guerra – e especialmente na guerra civil em Región – não há regras. O comportamento dos envolvidos nem é previsível nem explicável. As leis que regem essas pessoas não são as regras racionais. Por conseguinte, o decurso completo da guerra nunca sairá dessa condição profundamente enigmática. Pode ser descrito e explicado pelo discurso objetivo só até certo ponto. Faltará sempre alguma coisa.

Como já mencionamos anteriormente, Benet supõe que as leis do universo não correspondem às regras lógicas do pensamento racional. Nos aspectos mais preocupantes da existência fracassa o discurso racional. É o reino das “zonas de sombra” onde só tem vez o discurso mítico e poético.

O fundo dessa atitude é um ceticismo profundo, a convicção de que na história não existe uma evolução progressiva em direção a formas de convivência coletiva mais humanas. Segundo Benet, todos os historiadores de envergadura admitiam que a história não tem um decurso linear. Pelo contrário: é cíclico e repetitivo. Por isso, repetem-se

---

<sup>45</sup> BENET. *Volverás a Región*, p. 164.

<sup>46</sup> EPPS. *The Cold Furnace of Desire*, p. 43: “A questão de Marré não é meramente retórica. É alegórica e uma referência àquela estética realista que Benet costumava atacar fervorosamente em seus ensaios. Ao mesmo tempo sua questão é irônica (...) contribuindo (...) a um jogo poético com a escuridão.” (tradução do autor)

todas essas tragédias causadas pelo próprio ser humano. A existência da guerra e a impossibilidade de acabar com ela é o exemplo mais evidente nesse contexto. Diz o tradutor Claude Murcia sobre esse assunto: “L’expérience est toujours la même, celle de la peur, de la solitude et de la ruine. Et pourtant, malgré les effets dévastateurs de la guerre, les hommes répètent inlassablement les mêmes erreurs.”<sup>47</sup> E era sempre assim. Cultura e guerra parecem ser duas faces da mesma moeda. Desde os primórdios da historiografia a humanidade não é capaz de solucionar seus conflitos importantes sem recorrer à violência. Aqueles que conservam ainda ideias mais otimistas esquecem – segundo Benet – “el carácter esencialmente trágico de la historia que tantos comentaristas y con tanta frecuencia, han puesto de manifiesto”.<sup>48</sup>

A origem desse otimismo remonta à Antiguidade grega. Os gregos da época clássica, argumenta Benet, ainda não dispunham da experiência histórica necessária para pôr em dúvida a “confianza en el entendimiento humano”. O historiador grego ainda não encontrava “a su alrededor tantas ruinas como hoy”:

El entendimiento [– según los griegos –] había de crecer siempre; no cabía pensar que el hombre no fuese capaz de aprender de sus antepasados y siendo así que todo hallazgo del entendimiento tenía una virtud imperecedera no podrá ser de otra manera; la lucidez del hombre – y por ende la riqueza de los pueblos – no podía conocer merma mientras se gobernase por su razón y por unas leyes cada día más generosas y sagaces.<sup>49</sup>

O assassinato vergonhoso de Sócrates marcou o início do fim dessa crença porque documentava que era possível driblar o “progresso” no “imperio da razão”. Mas o verdadeiro desengano só viria mais tarde com a perda de toda confiança na época do Império Romano. O velho Tácito com o pesimismo irremediável dos “Annales” é – segundo Benet – o ponto final do descobrimento dessa fatalidade. Na história recente do Império havia muito pouca coisa louvável. O que mais saltava aos olhos era aquele “elemento irracional y pasional”<sup>50</sup> que seria – transposto ao contexto “regionato” – a matéria-prima dos romances benetianos.

Assim, não é de estranhar que se encontrem numerosas referências a essas ideias nos textos literários do autor. Numa cena tardia de *Herrumbrosas lanzas*, esse processo se evidencia de forma muito impactante. Quando os maiores dirigentes da ofensiva republicana conversam com um grupo de inimigos arrestados, Arderíus – companheiro do “herói” Mazón – explica-lhes a diferença fundamental entre os conceitos de Estado dos dois lados envolvidos no conflito: “(...) Se trata de dos concepciones diferentes del Estado, una basada en el modelo militar y la otra en el civil. (...)”<sup>51</sup> E acresce em defesa da República que o exército na sociedade democrática é encarregado “(...) del trabajo

---

<sup>47</sup> MURCIA. *Dans la pénombre de Región*, p. 55: “A experiência é sempre a mesma: É a experiência do temor, da solidão e do arruinamento. Mas, mesmo assim, apesar de todas as conseqüências terríveis da guerra, a humanidade continua cometendo e repetindo os erros de sempre.” (tradução do autor)

<sup>48</sup> BENET. *Sobre el carácter tétrico de la historia*, p. 179.

<sup>49</sup> BENET. *Sobre el carácter tétrico de la historia*, p. 181.

<sup>50</sup> BENET. *Sobre el carácter tétrico de la historia*, p. 177.

<sup>51</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 247.

sucio y tenebroso, imprescindible para que el resto de la sociedad tenga un poco de decoro y bienestar; de forma que ese Estado resultante de la hipertrofia del ejército y de la policía sólo puede ser sucio y tenebroso en su totalidad. (...)”<sup>52</sup>

As explicações têm grande efeito no círculo dos presentes. Todo mundo louva a “excelencia de aquella representación y de aquel irreprochable alegato”.<sup>53</sup> Mas, pouco depois, num momento em que os dirigentes republicanos se reúnem de novo, muda o tom da conversa. Fala novamente Arderius: “(...) Qué más quisiéramos que corresponder a la imagen que tratamos de dar de nosotros mismos: amantes de la libertad, enemigos del tirano y hasta un poco heroicos. (...)”<sup>54</sup> A liberdade e o ódio ao tirano agora parecem ser meros pretextos para motivos muito diferentes. Mas motivos verdadeiros escapam à compreensão racional:

(...) somos todos de la misma calaña y bajo los estandartes de los grandes principios luchan dos clases diferentes de matones. De otra suerte la guerra sería inexplicable, pues las razones que alegan uno y otro bando sólo calan hasta cierta jerarquía, por debajo de la cual hay otra cosa, otras razones inconfesables y más fuertes. (...) <sup>55</sup>

A evocação tenebrosa e fascinante de toda essa “zona de sombra”, que é o fenómeno da guerra, a sua condição enigmática, tétrica e inexplicável, é, segundo o nosso entender, uma das preocupações centrais da obra de Benet.



#### ABSTRACT

The author of the article analyses the role played by the Spanish Civil War in Juan Benet's novels and short stories. The Civil War and its poetic representation is considered one of the most important themes in Benet's literary works. Departing from Benet's anti-realistic aesthetics, the author shows how his narrative - in a systematically ironic procedure - destroys its own modes of mimetic representation, pretending to reach other levels of discourse in which the enigmas of war find themselves less resolved than evoked and conserved in their original, terrifying and indissoluble status.

#### KEYWORDS

Anti-Realistic Aesthetics, Spanish Civil War, Irony

<sup>52</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 247.

<sup>53</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 248.

<sup>54</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 250.

<sup>55</sup> BENET. *Herrumbrosas lanzas III*, p. 250.



## REFERÊNCIAS

- BENET, Juan. De Canudos a Macondo. In: BENET, Juan. *Artículos*. Madrid: Ediciones Libertarias, 1983. p. 69-80. v. I (1962-1977).
- BENET, Juan. *Cuentos completos*. Madrid: Alfaguara, 1998.
- BENET, Juan. La deuda de la novela hacia el poema religioso de la antigüedad. Un ensayo. In: BENET, Juan. *Del pozo y del Numa*. Un ensayo y una leyenda. Barcelona: La Gaya Ciencia, 1976. p. 7-95.
- BENET, Juan (1977). *En el estado*. Madrid: Alfaguara, 1993
- BENET, Juan. *Herrumbrosas lanzas I* (Libros I-IV). Madrid: Alfaguara, 1983.
- BENET, Juan. *Herrumbrosas lanzas II* (Libro VII). Madrid: Alfaguara, 1985.
- BENET, Juan. *Herrumbrosas lanzas III* (Libros VIII-XII). Madrid: Alfaguara, 1986.
- BENET, Juan. *Herrumbrosas lanzas* (Libros I-XII, XV [reconstrucción], XVI [fragmentos]). Madrid: Alfaguara, 1998.
- BENET, Juan. Incertidumbre, memoria, fatalidad y temor. In: BENET, Juan. *En ciernes*. Madrid: Taurus, 1976. p. 43-61.
- BENET, Juan (1966). *La inspiración y el estilo*. Madrid: Alfaguara, 1999.
- BENET, Juan. Max. *Revista Española*, n. 4, p. 409-430, 1953.
- BENET, Juan. *La otra casa de Mazón*. Barcelona: Seix Barral, 1973.
- BENET, Juan (1980). *Saúl ante Samuel*. Madrid: Cátedra, 1994.
- BENET, Juan. ¿Se sentó la duquesa a la derecha de Don Quijote? In: BENET, Juan. *En ciernes*. Madrid: Taurus, 1976. p. 11-41.
- BENET, Juan. Sobre el carácter tétrico de la historia. In: BENET, Juan. *Puerta de Tierra*. Barcelona: Seix Barral, 1970. p. 168-196.
- BENET, Juan (1970). *Una meditación*. Madrid: Alfaguara, 1985.
- BENET, Juan (1972). *Un viaje de invierno*. Madrid: Cátedra, 1980.
- BENET, Juan (1967). *Volverás a Región*. Barcelona: Destino, 1991.
- COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. *The Columbia Electronic Encyclopedia*. Columbia (Sixth Edition) 2003 (<[www.cc.columbia.edu/cu/cup/](http://www.cc.columbia.edu/cu/cup/)>).
- EPPS, Brad. The Cold Furnace of Desire: The Site of Sexuality in *Volverás a Región*. In: MARGENOT, John B. (Org.). *Juan Benet: A Critical Reappraisal of His Fiction*. West Cornwall: Locust Hill Press, 1997. p. 33-91.
- GARCÍA PÉREZ, Francisco. Prólogo. In: BENET, Juan. *Herrumbrosas lanzas* (Libros I-XII, XV [reconstrucción], XVI [fragmentos]). Madrid: Alfaguara, 1998. p. 11-16.
- KAYSER, Wolfgang (1948). *Das sprachliche Kunstwerk*. Eine Einführung in die Literaturwissenschaft. Munique: Francke, 1992.
- LUPINACCI WESCOTT, Julia. Benet's Theoretical Essays: Beneath the Mask of Representation. In: MARGENOT, John B. (Org.). *Juan Benet: A Critical Reappraisal of His Fiction*. West Cornwall (Connecticut): Locust Hill Press, 1997, p. 19-32.
- MURCIA, Claude. *Juan Benet: Dans la pénombre de Región*. Paris: Éditions Nathan, 1998.

ORRINGER, Nelson R. Epic in a Paralytic State: *Volverás a Región*. In: MANTEIGA, Roberto C.; HERZBERGER, David K.; COMPITELLO, Malcom A. (Org.). *Critical Approaches to the Writings of Juan Benet*. Hanover/London: UP of New England, 1984, p. 39-50.

SOBEJANO, Gonzalo. La novela estructural. De Luís Martín Santos a Juan Benet. In: \_\_\_\_\_. *Novela española de nuestro tiempo*. En busca del pueblo perdido. Madrid: Prensa Española, 1975. p. 545-609.